

GUERRA DE CANUDOS,  
O FILME<sup>1</sup>

A saga de Canudos, contada agora em filme, dá mostras da barbárie e da destruição a que foi submetida Belo Monte, utopia sertaneja acalentada pela fé

Para lembrar nossos cavalheiros

*“Quando contemplei o quadro emocionante e extraordinário, compreendi o gênio sombrio e prodigioso de Dante. Porque só ele soube definir o que eu vi naquela saga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do inferno: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos de dor e os soluços extremos da morte”.*  
Euclides da Cunha

1897/1997: cem anos de um silêncio constrangedor. Aqui e acolá referências esporádicas, alguma tematização na arte, uma nova pesquisa acadêmica, ciclos de conferências, ou a curiosa permanência de *Os sertões*, um livro tanto mais questionado quanto referido como marco para se pensar os eventos conselheiristas e a própria cultura brasileira. Eis o paradoxo de Canudos/Belo Monte: a grandiosidade posta num mundo pequeno; o genocídio na terra da cordialidade; o ímpeto civilizador ritmado pelo som da metralha e pelo gesto bárbaro da degola.

Nesse ano da graça de 1997, Canudos e Antônio Conselheiro viraram persona-

gens nacionais: filmes, publicações de variados tipos, músicas, espetáculos de dança, documentários, palestras, artigos em revistas e jornais, programas de rádio, pacotes de turismo para se visitar o palco dos acontecimentos, vestibulandos no corre-corre para saber acerca do assunto, visto que as perguntas virão inevitavelmente. O sertão e o sertanejo retornaram à consciência nacional: Belo Monte, Monte Santo, Cocorobó: faces duras e envelhecidas pela violência do sol e as agruras do cotidiano ganharam espaço na mídia e podem ser vistos em horário nobre nos grandes canais de televisão.

Trata-se de um movimento positivo. Espera-se que findas as comemorações o mundo do silêncio não retorne ao seu lugar de origem e só reapareça quando o próximo século estiver terminando.

## O FILME COMPOSTO

Em 1996, no mês de julho, o cineasta Sérgio Rezende iniciou em Junco do Salitre, lugarejo *bahiano* localizado a quase trezentos quilômetros da velha Canudos, as filmagens da sua versão acerca dos eventos ocorridos às margens do rio Vaza-Barris. Quase um ano depois o filme estava nas telas, praticamente coincidindo com a data do fim de Canudos: 5 de outubro de 1897.

## O AUTOR

## Adílson Odair Citelli

Professor Doutor do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Especialista em Comunicação e Educação.

1. As fotos de Estevam Avellar que ilustram este artigo foram retiradas do livro: REZENDE, Nilza. *Guerra de Canudos, o filme*. São Paulo: SENAC, 1997. 160p.

Trata-se de um projeto grandioso, o mais caro já levado a efeito pelo cinema brasileiro. O trabalho de Sérgio Rezende custou seis milhões de reais e contou com uma enorme equipe entre atores, coadjuvantes e técnicos, além de haver construído o maior cenário montado entre nós para um projeto cinematográfico. Foram erigidas perto de quinhentas casas de pau-a-pique, três centenas de fachadas e réplicas das duas igrejas existentes em Belo Monte. Nisso tudo vai um evidente desejo de reconstruir a dimensão épica presente no conflito sertanejo.

Os 160 quadros organizadores da estrutura narrativa de *Guerra de Canudos* possuem três núcleos centrais: um referente à questão propriamente religiosa; outro que toma as batalhas, sobretudo as duas últimas campanhas, a tragicomédia patrocinada pelo Coronel Moreira César e a vitória final do General Artur Oscar; e o último, simboliza-

do no bombardeamento da torre da Igreja Nova, portanto do fim da experiência conselheirista.

O trecho narrativo é conduzido por dois planos. O primeiro, de fundo histórico, com dimensões coletivas, procura apresentar a sucessão dos eventos segundo o que está mais ou menos consagrado pelos estudiosos do assunto e, sobretudo, por Euclides da Cunha e Manoel Benício. Esse foi correspondente do *Jornal do Comércio*, da Bahia, tendo passado uma parte da campanha no *front* (julho de 1897), de onde retirou a matéria para publicar em 1899 – antes, pois, de *Os sertões*, que é de 1902 – *O rei dos jagunços*. O segundo plano tem dimensão mais individual e acompanha a personagem Luísa (Cláudia Abreu), filha de Zé Lucena (Paulo Betti) e Penha (Marieta Severo). A família se completa com dois adolescentes, Teresa (Dandara Guerra) e Toinho (Jorge Neves).

Estevam Avelar



A utopia através da fé: Conselheiro (José Wilker) orienta o caminho dos sertanejos.

Os Lucena representam a metonímia de boa parte dos sertanejos que se dirigiram para Canudos. Agricultores pobres sofrendo com as adversidades naturais, o domínio dos coronéis e a própria ação republicana.

A cena decisiva que mostrará a conversão de Zé Lucena para o mundo de Belo Monte é dada pela ação de agentes republicanos confiscando algumas cabeças de gado do sertanejo para o pagamento de impostos. Tempos depois, com o séquito de Antônio Conselheiro passando pelo sítio, Zé Lucena e a família irão integrar-se ao grupo e peregrinar até a fundação de Canudos. Luísa, no entanto, se rebela e foge, passando a viver como prostituta e amante temporária de coronel. Luísa proporciona, aliás, um dos momentos mais fortes do filme. Ao ser entregue ao Barão de Cocorobó, fixa o olhar raioso, mas cheio de coragem, no senhor de gente e de terras que levanta, vagarosamente, com uma bengala a saia da sertaneja.



Luísa (Cláudia Abreu) e seu pai Zé Lucena (Paulo Betti): a separação, o desespero, a guerra.

Em torno de Luísa e dessa que chamamos vertente individual, desenham-se alguns dramas passionais. O mais significativo deles envolve o triângulo amoroso entre Luísa, casada com o soldado Arimatéia (Tuca Andrada), e Luís Gama (Selton Mello). Talvez resida nesse segmento um dos núcleos frágeis do trabalho de Sérgio

Rezende, pois malgrado o caráter diretamente ficcional, logo onde o diretor estaria à vontade para o exercício de um imaginário menos comprometido com as ocorrências históricas de Canudos, fica difícil ajustar o caráter novelesco do drama de dois interessados na mesma mulher, Arimatéia e Luís Gama, conversando amistosamente sob uma árvore; ou mesmo o grau de sensualidade desfilado no acampamento militar pela personagem vivida por Cláudia Abreu. O triângulo amoroso, sob o fustigamento das metralhas, parece mais ajustado à lógica das bilheterias do que propriamente da economia interna do filme.

Em certo sentido Luísa acaba tendo maior presença e visualidade do que o próprio Antônio Conselheiro (José Wilker). É através dela que a câmera pode circular entre o mundo dos ímpios e o dos irmãos. Luísa consegue circular entre o acampamento militar e o espaço de Canudos, revendo e se afastando definitivamente do pai e da mãe. É pelo seu olhar que assistimos à denúncia da prática da degola. Exercício de larga utilização pelos soldados. Luísa vê a própria mãe, Penha, tendo o pescoço cortado pelos militares. Isto é, com a jovem sertaneja não apenas circulamos por dois mundos, como ainda acompanhamos a guerra pelo lado das tropas do governo. Não parece gratuito o fato de o filme terminar exatamente com Luísa retirando a irmã Teresa de Canudos, municiada com um fuzil e entoando uma reza como a dar o sentido de continuidade da forma de vida sertaneja.

## A HISTÓRIA CONTADA

Parece importante no contexto do filme considerar um pouco mais o que foi chamado de plano histórico, afinal este é o mo-

tivo que gera a existência do filme de Sérgio Rezende. Os dramas diretos e indiretos da família Lucena funcionam ou pelo menos deveriam funcionar como instâncias compositivas subsidiárias numa obra cujo título é *Guerra de Canudos*. Considere-se, contudo, que cruzar história e *estória* (infelizmente termo mal visto pelos dicionários de língua portuguesa) foi prática corrente entre os que se puseram a tratar de Antônio Conselheiro e sua Belo Monte, como acontece no citado *O rei dos jagunços*, de Manoel Benício. E disso não está livre sequer *Os sertões*.

O filme fecha sua angulação, quanto ao andamento propriamente histórico, em duas ordens fundamentais: a da luta e seus personagens principais, quer do lado dos militares quer dos sertanejos e a das práticas conselheiristas, onde se multiplicam rápidas aparições, prédicas, atitudes do líder máximo de Canudos.

Em ambos os casos existe cuidado para, como se afirmou acima, recompor fatos e acontecimentos segundo o que já é de domínio entre os que estudam o drama irrompido às margens do rio Vaza Barris. Repõem-se a cronologia desde as primeiras escaramuças havidas entre o governo e os sertanejos até os eventos finais com a destruição do arraial através do fogo e da dinamite.

Há que se destacar algumas seqüências realizadas com extremo cuidado. As cenas envolvendo a expedição Moreira César, com a desastrosa carga de cavalaria – aliás de enorme beleza fílmica – pelos becos e vielas de Canudos, com os soldados perdidos e sendo abatidos a golpes de porretes. A configuração do Coronel Moreira César (Tonico Pereira), anunciando com prepotência que atacaria diretamente Canudos, sem qualquer plano anterior, visto desejar, naquele dia, almoçar no centro do povoado. O

Estevam Avellar



A guerra começa: serão quatro campanhas até à destruição de Belo Monte, um sonho persistente.

preço pago pela arrogância foi o desastre que praticamente dizimou a tropa agressora, além de resultar na morte do próprio comandante. O perfil delirante do Coronel é recuperado pela câmera de Sérgio Rezende num quadro de extrema pertinência: enquanto denuncia a loucura dos conselheiristas, Moreira César contabiliza, com certo prazer, os mortos que sua longa carreira havia produzido: “Eu posso matar quem eu quiser. Em Santa Catarina, quando abafei a revolta, matei mais de cem, mais de cem”. Em seguida, sob olhar perplexo do jovem Tenente Luís Gama, tomba num ataque epilético. Não é difícil para o espectador saber de que lado está a loucura.

A sucessão de erros e equívocos que marcam a quarta expedição do Exército também aparecem recuperadas com acerto no filme *Guerra de Canudos*. O quadro que se apresenta entre junho e julho de 1897, quando, novamente, os conselheiristas quase conseguem expulsar os invasores, permite que se visualize tanto a determinação dos sertanejos quanto a inconsistência das táticas e estratégias dos oficiais da República.

Milhares de soldados praticamente ilhados entre os morros do Mário e da Favela, à espera de reforços e alimentos que não chegavam. As dificuldades dos sertanejos, o fustigamento de Canudos, o envio de mais tropas e munições permite, afinal, a vitória dos comandados de Artur Oscar.

A vitória foi pouco gloriosa. Eis o rápido diálogo entre o jornalista Pedro (Roberto Boitempo), inspirado no correspondente do *Jornal do Comércio*, Manoel Benício, e o General Artur Oscar (José de Abreu), na casa de um fazendeiro da região:

Fazendeiro: – “Quer dizer que o pesadelo acabou, não é mesmo, General?”

Artur Oscar: – “Sargento, mostre a ele”. (De uma lata sai a cabeça de Antônio Conselheiro).

Pedro: – “O senhor não engrandece o Exército, General. Sua campanha foi um crime”.

Artur Oscar: – “Nós vencemos”.

A frase do jornalista Pedro é ajustada de uma conhecida passagem de *Os sertões*, de Euclides da Cunha: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”.

## A CENA SE FECHA

Retomar a totalidade de *Guerra de Canudos* é encontrar uma tensão que às vezes não parece muito bem ajustada entre os percursos que chamamos de individuais e históricos. A estrutura dos eventos paralelos entre o mundo de Luísa, personagem que se



Os figurantes de Junco do Salitre, cem anos de permanências...

adensa e sobreleva, e o de Antônio Conselheiro (José Wilker) pode ter algum charme narrativo, mas se torna pouco convincente, considerado o andamento geral da obra.

O filme, no entanto, é feito de vários acertos: a estrutura da produção montada por Marisa Leão, a fotografia de Antônio Luís Mendes, criando belíssimos contrastes entre a intensidade da luz solar sertaneja e o escuro das casas canudenses, em cujas frestas a luminosidade parece acentuar-se ainda mais. Os figurinos de Beth Filipecki, evidente produto de pesquisa detalhada que adiciona dignidade aos andrajos de personagens como Penha. A direção de arte de Cláudio Amaral Peixoto, os efeitos criados por Federico Farfán, a montagem de Isabelle Rathery, o som de Mark Van Der Willigen e a música de Edu Lobo/Cacaso

ajudam a criar uma atmosfera que vai configurando novos padrões de produção do cinema brasileiro, pelo menos em uma de suas vertentes.

---

Por último, é interessante ver uma questão como *Canudos*, fundamental para se pensar a cultura brasileira, posta em trabalho fílmico de largo fôlego. Conquanto o tema tenha sido proposto em obras clássicas como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, que também elabora a figura do seu Antônio Conselheiro, abre-se espaço para outras releituras do evento canudense. Afinal, enigmas, sugestões e problemas não faltam quando se mira a câmara na direção do sertão e dos sertanejos que viveram a epopéia de *Canudos*.

---

*Resumo:* O artigo trata do filme de Sérgio Rezende, *Guerra de Canudos*, que tem como protagonistas José Wilker (Antônio Conselheiro), Paulo Betti (Zé Lucena), Marieta Severo (Penha) e Cláudia Abreu (Luísa). Ressalta a importância de uma grande produção para o cinema nacional, principalmente em se tratando de um tema histórico da complexidade de Canudos. Critica a fragilidade do plano narrativo dedicado ao triângulo amoroso vivido, no campo de batalha, por Luísa, o soldado Arimatéia (Tuca Andrade) e o tenente (Selton Mello). Mas, destaca o filme como oportunidade para se pensar sobre a história e a cultura brasileiras.

*Palavras-chave:* *Guerra de Canudos*, Antônio Conselheiro, cinema nacional, Sérgio Rezende

*Abstract:* The article deals with Sérgio Rezende's film *Guerra de Canudos* (Canudos War), which has as its main protagonists José Wilker (Antônio Conselheiro), Paulo Betti (Zé Lucena), Marieta Severo (Penha) and Cláudia Abreu (Luísa). It emphasizes the importance of a great production for national cinema, most especially dealing with a historical theme of the complexity of Canudos. It criticizes the fragility of the narrative plan dedicated to the love triangle that is lived, in the battlefield, by Luísa, private Arimatéia (Tuca Andrade) and the lieutenant (Selton Mello). But, the author stresses the film as an opportunity to think about Brazilian history and culture.

*Keywords:* *Guerra de Canudos* (Canudos War), Antônio Conselheiro, national cinema, Sérgio Rezende